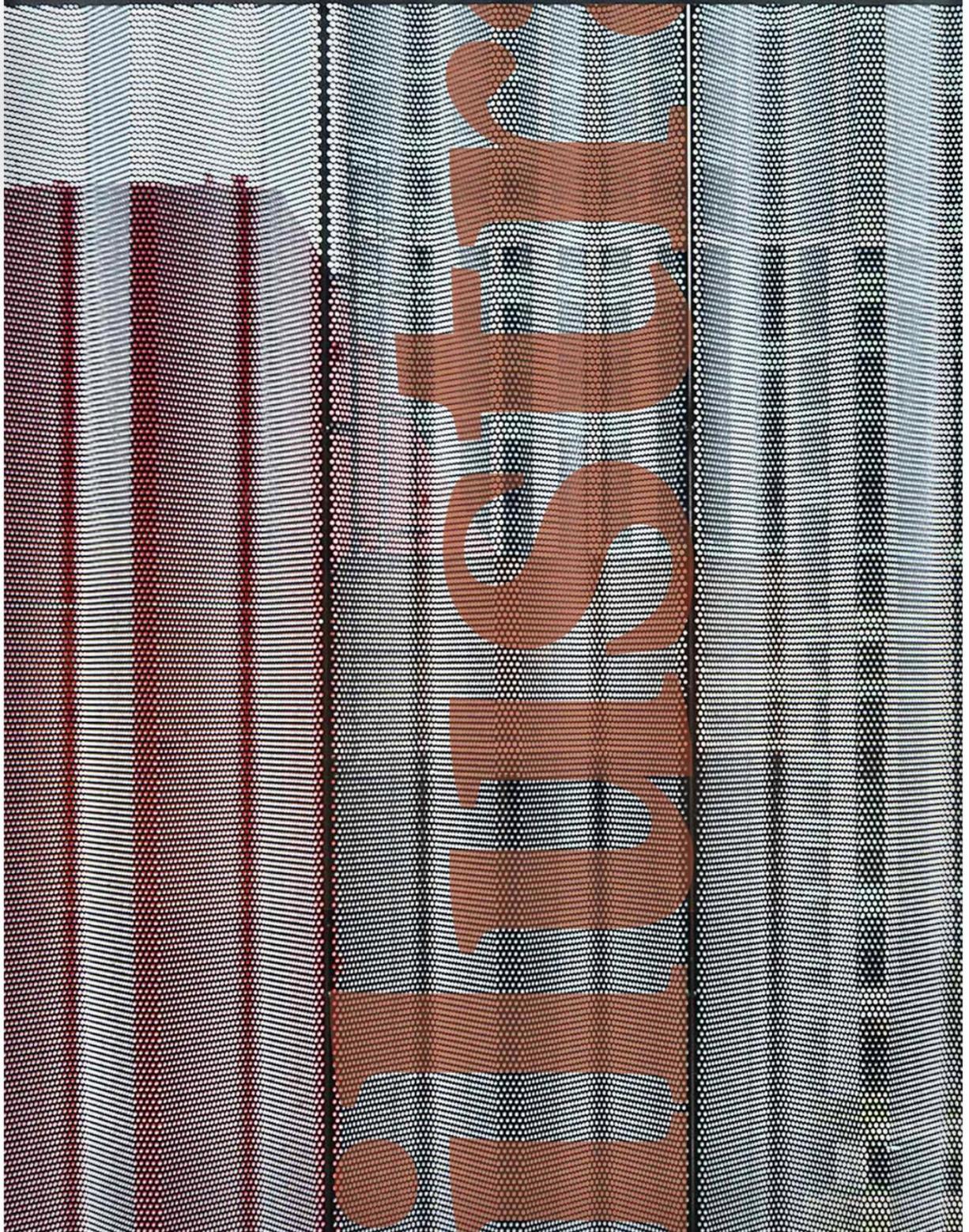


# O ontem e o agora

Em exposições de abertura de seu novo prédio, Masp olha para o passado ao resgatar do acervo pinturas de Renoir e mira o presente com filme com Fernanda Torres Leia na pág. B4



Vista do prédio original do Masp através de janela de seu novo anexo Eduardo Knapp/Folhapress

## ilustrada

João Perassolo

SÃO PAULO Pietro Maria Bardi, um dos fundadores do Masp, tinha tino para os negócios. Para compor o acervo de seu então recém-inaugurado Museu de Arte de São Paulo, o colecionador comprou, durante um período de dez anos a partir do final da década de 1940, uma pequena coleção de pinturas do artista Pierre-Auguste Renoir.

À época, Renoir, um dos grandes nomes do impressionismo francês, estava subvalorizado no mercado internacional de arte — o que hoje parece algo impensável. Bardi arrematou 11 retratos, um gênero de pintura considerado menor em relação à paisagem naquele momento, e também uma paisagem. O pacote foi completo com uma grande escultura da fase tardia do artista.

Nesse conjunto estava o óleo “Rosa e Azul - As Meninas Cahen d’Anvers”, de 1881, o retrato das filhas do abastado banqueiro Louis Cahen d’Anvers — “a de azul, Elisabeth, com seu ar vaidoso, e a de rosa, Alice, com um certo enfado, quase beirando as lágrimas”, escreve o curador Fernando Oliva sobre a pintura, que se tornou uma das obras-primas do movimento impressionista e, para o Masp, um dos trabalhos do acervo que mais atrai público.

Até há poucos dias, “Rosa e Azul” estava na seleção de obras do acervo do museu exibida em seu prédio original. A partir desta sexta-feira, o quadro poderá ser visto no anexo, como parte da mostra “Renoir no Masp”, a principal das cinco exposições que marcam a abertura para o público do novo edifício do museu, uma estrutura de aparência monolítica vizinha ao monumento vermelho de concreto que virou um ícone da cidade de São Paulo.

Organizada por Oliva, “Renoir no Masp” traz a público, pela primeira vez em 23 anos, a totalidade das obras do impressionista compradas pelo fundador do museu, numa mostra que é um conjunto precioso de pinturas e também uma demonstração da força do acervo da instituição, detentora da principal coleção de arte europeia do chamado sul global.

A exposição abre com uma pintura de diferentes perspectivas do rosto de Jean Renoir, um dos filhos do pintor, ilustrado com 11 anos na inconfundível estética onírica do impressionista. Ao lado estão dois retratos de outro filho seu, Claude, compondo uma tríade de obras pouco mostradas.

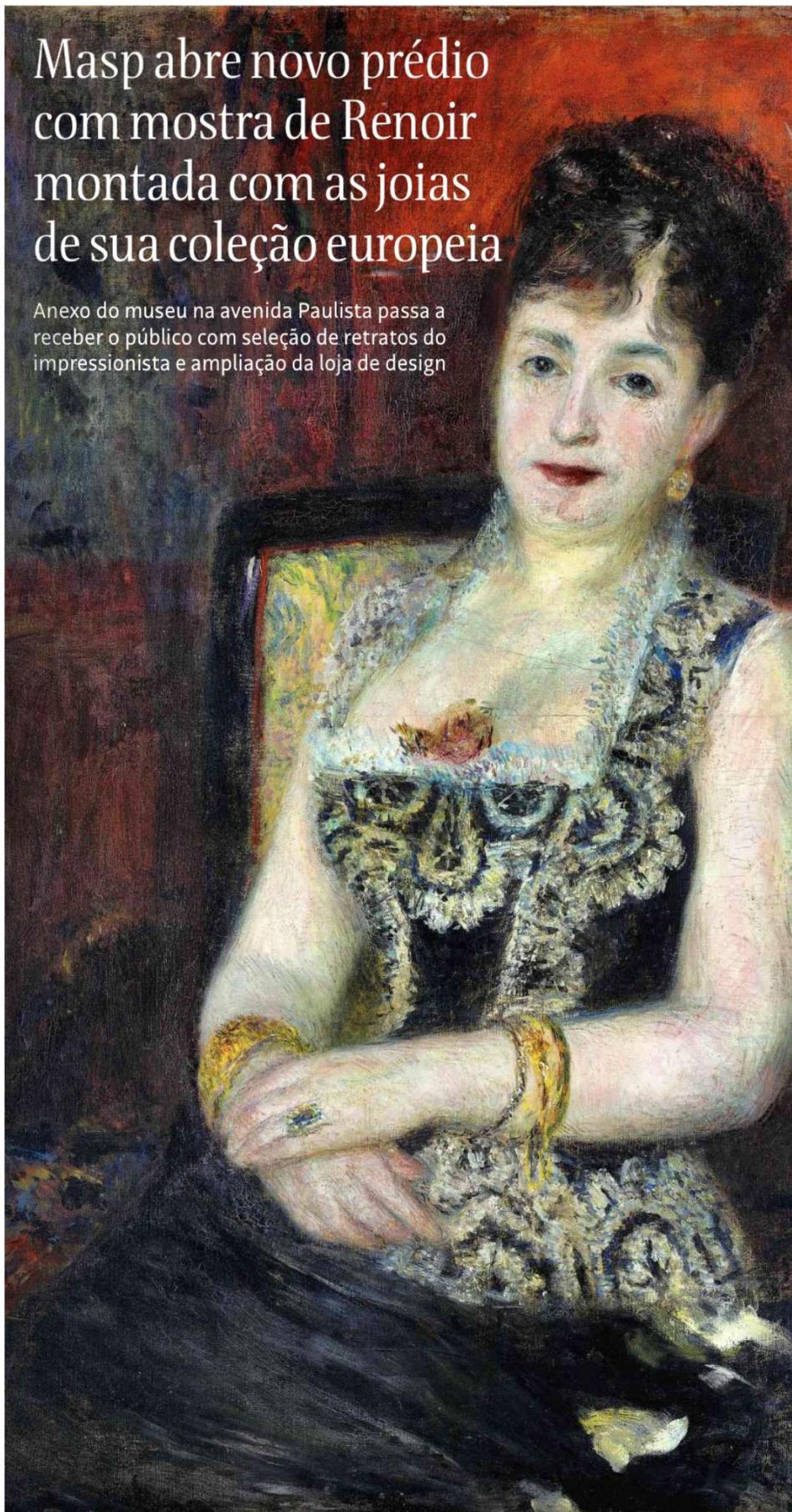
Em seguida, chegamos ao cerne da nova exposição. Oliva mostra ao repórter um dos destaques, o “Retrato da Condessa de Pourtalès”, uma dama da alta sociedade parisiense do final do século 19 que é mencionada em trechos de “Em Busca do Tempo Perdido”, do escritor Marcel Proust.

“O Renoir é o pintor da mulher moderna. Essas mulheres são livres, elas estão nos seus domínios, tanto as ricas quanto as burguesas. São mulheres em posição de poder”, afirma Oliva, sobre a pintura. “Elas estão o tempo todo exibindo os seus atributos de classe, de poder, sejam as roupas, as joias, a residência sempre muito opulenta”, acrescenta ele.

Continua na pág. B5

# Masp abre novo prédio com mostra de Renoir montada com as joias de sua coleção europeia

Anexo do museu na avenida Paulista passa a receber o público com seleção de retratos do impressionista e ampliação da loja de design



“Retrato da Condessa de Pourtalès”, tela de 1877, de Pierre-Auguste Renoir, exposta na mostra inaugural do novo prédio do Masp

Continuação da pág. B4

Fernando Oliva conta que a técnica de Pierre-Auguste Renoir foi impulsionada pelos avanços da indústria na virada para o século 20. As tintas passaram a ser vendidas em tubos fáceis de carregar, o que facilitava a pintura fora do ateliê, e as cores se multiplicavam, com novas tonalidades de vermelho e azul. Renoir e o também impressionista Claude Monet, afirma o curador, executavam telas com 15 a 20 cores, algo antes muito difícil.

Surgiram também os pincéis chatos, possibilitando uma pintura livre e rápida que deixa as suas marcas na tela. Essa técnica que imita o efeito de uma espátula é uma das responsáveis por criar a assinatura estética do impressionismo, em que os cenários retratados parecem borrados.

As obras-primas de Renoir são exibidas em cavaletes que vão dividir opiniões — peças de inox em formato de meia-lua, apoiadas no chão por dois pés, sendo um deles calcado num monte de espuma. O design da arquiteta Juliana Godoy tenta atualizar os famosos cavaletes de cristal de Lina Bo Bardi, uma das marcas registradas da expografia do museu.

Além de trazer a público a sua coleção de Renoir, o Masp comemora a sua expansão com outras quatro exposições, todas no novo prédio — a área expositiva do museu, agora, passa a ser 66% maior. Num dos andares há uma mostra sobre artes da África, no outro, uma de arte geométrica, num terceiro, uma com obras e artefatos contando a história do Masp e, por fim, é mostrado um filme do britânico Isaac Julien sobre Lina Bo Bardi, com Fernanda Torres e Fernanda Montenegro no elenco.

Com a abertura para visitantes após anos de obras, o novo prédio do Masp passa também a abrigar o restaurante A Baianeira, anteriormente instalado no subsolo do edifício original. Além disso, conta com uma versão ampliada da loja de design do museu, com produtos selecionados por Adélia Borges, uma das principais pesquisadoras do design brasileiro.

A ideia da loja, afirma Borges, é apresentar "uma visão não hierarquizada da cultura", isto é, misturar o consagrado com o design popular. Por exemplo, estão expostos lado a lado o banco Mocho, um clássico moderno de Sergio Rodrigues, com um banquinho feito com galho de árvore por um artesão da Ilha do Ferro, um povoado do sertão alagoano.

Afora isso, há edições limitadas, como uma coleção de joias inspiradas nas obras de Luiz Sacilotto desenhadas por sua nora, Aurea Sacilotto, e um móvel da série das derrapadas de pneu da artista Regina Silveira, além das joias esculturais de Carlos Penna.

O Masp também aproveita a abertura do novo prédio para lançar uma reformulação de sua comunicação visual. O logotipo antigo muda — a letra "M" perde as diagonais, e a fonte fica mais pesada.

Segundo o designer Leo Porto, que desenvolveu o novo logo com seu sócio, Felipe Rocha, a ideia era criar uma sigla com linhas mais retas, que remetesse tanto ao desenho do prédio de Lina Bo Bardi quanto ao do novo edifício. Leia mais na pág. B6



'Rosa e Azul - As Meninas Cahen d'Anvers', pintura de 1881, de Pierre-Auguste Renoir Fotos Google Arts & Culture/Acervo Masp